

# Brasil não paga, culpa do café

As primeiras inadimplências no pagamento de títulos em dólares durante a depressão ocorreram na América Latina. No dia primeiro de janeiro de 1931, a Bolívia anunciou, devido a uma queda na receita cambial, que não poderia pagar seus compromissos em dólares. O Peru veio em seguida, com a queda do Presidente Leguia e o anúncio pelo novo Governo, em março do mesmo ano, de que havia encontrado os cofres vazios.

Pouco depois, duas municipalidades peruanas seguiam o mesmo exemplo: a Província de Callao e a Cidade de Lima. O Chile, sofrendo com a crise na indústria

do cobre e os efeitos de uma revolução, acompanhou a onda. No dia 18 de outubro de 1931, o Brasil, alegando que as vendas de café não eram suficientes para levantar os dólares necessários, também anunciou que não pagaria a dívida.

O Governo brasileiro, entretanto, ofereceu substituir os pagamentos em dinheiro por títulos, com prazo de três anos e juros de cinco por cento.

Os Estados brasileiros e as municipalidades começaram a entrar em inadimplência no fim de 1931, e, ao término de 1932, o serviço da dívida havia sido suspenso sobre todos os títulos em dóla-

res. No caso brasileiro, não era novidade. Em 1898 o Brasil suspendera o pagamento de vários empréstimos tomados através de títulos na Europa. A situação se repetiu em 1914, com o não pagamento de grande parte da dívida externa.

— Nesse caso, novos títulos foram emitidos em pagamento de juros e a situação se recuperou em 1919. Durante a década de 1920 o Brasil foi novamente capaz de colocar títulos tanto na Europa como nos Estados Unidos — diz Ilse Mintz em seu estudo dos **defaults** na década de vinte. Mais tarde, em 1934, o Brasil renegociou o que ficou conhecido como

“Plano de Reajuste de 1934”.

Essa é uma das avaliações feitas com relação à experiência americana em empréstimos ao exterior. Um grupo continua achando que a concessão de tais créditos entre as duas guerras foi um grande erro. Outro acha que foi correto e razoável e considera a Grande Depressão como única responsável pelo colapso.

— No futuro — disse Ilse Mintz, em 1951 — talvez seja possível melhorar os resultados dos empréstimos externos aplicando-se os métodos dos tempos de êxito no passado e evitando ao máximo a tática daqueles anos de empréstimos fracassados.